

Henry Derwood Mills

***Clínica
Psicanalítica de
Casais e Famílias***

Na Universidade Estadual de Londrina

Um manual

Henry Derwood Mills

**Clínica Psicanalítica de Casal e
Família na Universidade Estadual de
Londrina: um manual**

Elaborada pela Divisão de Processos Técnicos da
Biblioteca Central da Universidade Estadual de Londrina

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

M657c Mills, Henry Derwood
Clínica psicanalítica de casal e família na Universidade Estadual de Londrina [recurso eletrônico]: um manual / Henry Derwood Mills ; revisão Maira Bonafé Sei ; capa e ilustrações Rafaela Vicentini Ortega Ruiz, Vitor Hugo Valença da Silva. -- Londrina, Pr. : UEL, 2024.
1 recurso online (39 p.) : pdf.

ISBN 978-85-7846-620-6
Inclui bibliografia.
Projeto de Extensão Clínica Psicanalítica de Casal e Família. Universidade Estadual de Londrina.
Disponível em: <http://sites.uel.br/casalefamilia>

1. Terapia familiar – Universidade Estadual de Londrina.
2. Família (Psicologia) - Universidade Estadual de Londrina.
3. Psicoterapia psicanalítica – Universidade Estadual de Londrina. 3. Clínica psicanalítica de casal e família – Universidade Estadual de Londrina. 4. Relações familiares – Universidade Estadual de Londrina. 5. Aconselhamento conjugal – Universidade Estadual de Londrina. I. Sei, Maira Bonafé. II. Ruiz, Rafaela Vicentini Ortega. III. Silva, Vitor Hugo Valença da. IV. Projeto de Extensão Clínica Psicanalítica de Casal e Família. Universidade Estadual de Londrina. V. Universidade Estadual de Londrina. VI. Título.

CDU 2.ed. 616.8-085.851(816.2Londrina)

Bibliotecária: Eliane Maria da Silva Jovanovich – CRB9/1250

Editora Universidade Estadual de Londrina

Revisão Máira Bonafé Sei

Capa e ilustrações Rafaela Vicentini Ortega Ruiz
Vitor Hugo Valença da Silva

Apresentação da obra:	5
Parte 1 - Como pensar uma atuação psicanalítica frente a Casais e Famílias	6
Psicanálise freudiana: O ponto de partida.	6
Mas afinal, o que é um Casal e uma Família?	7
Vínculo? Mas o que se quer dizer com isso?.....	8
E como aparece esse adoecimento na Clínica?.....	9
Parte 2 - Nosso projeto, Nossa história	11
Mas o que é um Projeto de Extensão?	11
E qual sua história?.....	12
E como se atua?.....	14
Parte 3 - Atividades artístico-expressivas	17
O que arte tem a ver com psicanálise?	17
Linha da Vida	19
Genograma	20
Espaçograma	21
Outros recursos artísticos-expressivos.....	23
Parte 4 - O dia a dia do projeto, especificidades e recomendações para o atendimento	25
Como eu inicio um atendimento?	25
E o que eu faço no dia da entrevista inicial?	26
Registrando os acontecimentos da sessão.....	29
O dia da supervisão... ..	31
Articulando extensão e pesquisa, um convite.	33
Referências	34
Sobre o autor	38

Apresentação da obra:

Esta obra objetiva apresentar a estudantes de graduação o projeto de extensão Clínica Psicanalítica de Casal e Família, começando por sua abordagem teórica baseada em literatura de Psicanálise Vincular e então abordando sua prática clínica cotidiana, passando por sua maior especificidade frente a intervenções clínicas usualmente realizadas em outras instituições de ensino, qual seja, o uso de recursos artístico-expressivos nos atendimentos.

Este livro funcionará então como uma introdução, fornecendo uma base para a atuação junto ao projeto. Busca-se sanar dúvidas iniciais apresentadas pelos colaboradores, assim como apontar caminhos para uma literatura mais aprofundada.

A autoria desta publicação é do psicólogo e psicanalista Henry Derwood Mills (CRP-08/42684), colaborador do referido projeto de extensão. Foi revisada pela coordenadora do projeto a Prof.^a Dr.^a Máira Bonafé Sei (CRP 06/69177 IS/PR 281).

Desejamos, em nome do projeto, uma boa leitura!

René Kaës. Alguns dos conceitos serão brevemente apresentados a seguir.

Mas afinal, o que é um Casal e uma Família?

Partimos da noção de que estas são instituições sociais em constante mutação. Mesmo que no imaginário cultural a família nuclear, denominada tradicional, tenha por muito tempo correspondido a um modelo idealizado, os ideais contemporâneos de igualdade de gênero, de preservação da liberdade individual e das diferenças - entre outros - vêm modificando as coordenadas para a formação dos laços familiares (Gomes, 2022). Convivemos cotidianamente com e atendemos em nosso projeto diversas configurações vinculares: famílias monoparentais, homossexuais, constituídas por adoção, interracialis, casais não-monogâmicos, que optam por não ter filhos... assim como com a família “tradicional” brasileira.

Por mais que haja literatura que discute o que há de similar ou diferente nesses possíveis arranjos, o olhar psicanalítico que empregamos é o do foco em conhecer e intervir naquele grupo em específico que se inscreve na clínica, em como se constituem aqueles vínculos em sua alteridade, para além de qualquer categorização teórica.

Vínculo? Mas o que se quer dizer com isso?

Esta palavrinha mágica representa a primeira virada de chave para atender casais e famílias em contraponto ao atendimento individual, ao que se preza por uma superação das teorias concebidas a respeito unicamente de um aparelho psíquico individual. Fazendo o mesmo percurso que Trachtenberg et al. (2005), para entender Vínculo precisa-se entender e saber diferenciá-lo de seu precursor teórico freudiano, a Relação de Objeto, que, em suma, é a relação de um ego com um objeto interno. Na clínica individual, ao analisando fala de outra pessoa a partir de como a internalizou como Objeto de suas pulsões e identificações, a introjetando para dentro de seu aparelho psíquico por meio de suas lentes individuais. Já o Vínculo diz de uma relação que se produz no encontro e mediação entre dois ou mais egos, algo que se produz entre dois ou mais sujeitos, que participam do fenômeno, mas que individualmente não o englobam por inteiro.

É do Vínculo que se trata a Clínica Psicanalítica de Casal e Família, é o seu adocimento que vamos interpretar e intervir sobre, e é em sua potência criativa de reconstrução que

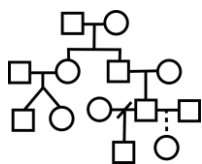
apostaremos, isso significando a manutenção de um relacionamento, ou seu fim.

E como aparece esse adoecimento na Clínica?

Assim como o aparelho psíquico individual adocece e produz sintomas segundo sua estrutura defensiva pulsional, o aparelho psíquico grupal/familiar, a malha subjetiva que contém os Vínculos, adocece também segundo sua estrutura, formada pelo que a escola francesa denomina de alianças inconscientes. O sintoma familiar aparece então como uma produção manifesta de um grupo, expressão de uma dinâmica inconsciente conflitiva que emerge no Vínculo em relação com o que há de latente nele (Ezinatto, 2021).

Acontece, no entanto, que o sofrimento, as ansiedades e tensões, são geralmente depositados na figura do Paciente Identificado, aquele que suporta e assume o peso do conflito, mesmo que este seja também sentido por todos os membros do grupo familiar. Chegam à nossa clínica então pedidos para que se atenda as figuras fantasiosas “da mãe que não sabe cuidar dos filhos”, “do pai que não tem mais libido”, “da criança impossível de lidar”, “dos irmãos que brigam muito”, “do tio alcoólatra” - entre muitos outros. Parte inicial e fundamental da

Clínica Vincular é retirar o foco da atenção do paciente identificado, considerando a família como um todo o paciente da terapia. Têm-se como tarefa do terapeuta analisar como todos os membros do vínculo participam da produção do sofrimento (Sei, 2021).



Parte 2 - Nosso projeto, Nossa história

Mas o que é um Projeto de Extensão?

A UEL, como qualquer universidade pública, opera sob o tripé constitucional e indissociável entre Pesquisa, Ensino e Extensão, ou seja, ela deve articular ações que visem a produção, disseminação e prática de conhecimento científico, tendo como público alvo a sociedade brasileira. Isso ocorre especialmente por meio de projetos organizados e coordenados por docentes, mas com atuação discente. Os projetos de extensão surgem então como forma de atender as demandas populacionais por serviços que a universidade pode oferecer, mas hoje são analisados na literatura educacional também como forma de interação que mutuamente transforma a instituição e sua comunidade, servindo de veículo para o desenvolvimento de conhecimento prático na formação discente, e também conectando seus colaboradores ao seu território (Silva, 2020).

De forma simplificada, nosso projeto objetiva atender a demanda pela psicoterapia de Casal e

Família em Londrina e região. Observa-se que esta modalidade de atendimento possui pouca presença no contexto regional, ou mesmo estadual. Oferece-se então atendimento gratuito e de qualidade aos seus usuários, recebendo-os por livre demanda ou via encaminhamento de serviços públicos, como equipamentos da Rede de Saúde, Assistência Social, Sistema Judiciário e similares. Aos seus colaboradores lhe é proporcionado conhecer e vivenciar tal modalidade de atendimento, e destaca-se que sua base teórica não é abordada no currículo da graduação em Psicologia da UEL, configurando o projeto e suas derivadas produções acadêmicas (cursos, simpósios, apresentações, artigos...) como única forma de acesso à experimentação da Psicanálise Vincular dentro do curso.

E qual sua história?

Como apresentado em Sei (2017), a atual versão do projeto é herdeira de sua primeira versão, estabelecida em 2012 pela Prof^a. Dra. Maíra Bonafé Sei, que se chamava “Atendimento Psicológico a Famílias por meio de recursos artístico-expressivos com base no referencial winnicottiano”. Como tal extenso nome bem estabelece, havia maior foco nos pressupostos da arteterapia e nas contribuições de

D. W. Winnicott acerca da criatividade e da importância da família, mas já se prezava pela ampliação do olhar do paciente identificado para a família como um todo e na capacitação dos alunos para uma modalidade que era completamente nova à UEL.

Desde 2015 desenham-se novas versões do projeto, que foram incluindo a literatura de autores argentinos como Isidoro Berenstein e Janine Puget, franceses como Alberto Eiguer, Pierre Benghozi e René Kaës, e brasileiros como Magdalena Ramos, Isabel Cristina Gomes e Terezinha Féres-Carneiro. A partir dessa crescente expansão teórica, construiu-se uma base epistemológica para nossa atuação, que é constantemente testada e renovada, como quando com a pandemia nossos atendimentos tiveram de ser repensados para a modalidade on-line. Em tal momento, questionou-se: Como se maneja um enquadre de múltiplos indivíduos em um ambiente digital? Como se faz uma atividade artística via *Google Meet*? Como capacitar os terapeutas para a condução de um processo terapêutico mediado pela internet. A partir desta experiência, muito se pôde pensar e desenvolver, gerando pesquisas com terapeutas, relatos de casos e apresentações em eventos e cursos.

No momento da escrita desta obra, o projeto está em sua quarta versão, chamada “Clínica Psicanalítica de Casal e Família - Fase 2”, ao passo que as já citadas transformações das relações que constituem os vínculos nos suscitam ainda mais repensar a prática clínica, e discute-se a cada supervisão como dialogar psicanálise e leituras de ideologia e papéis de gênero, e as transferências e contratransferências que o tema acarreta. Buscamos a prática de uma psicanálise viva, que esteja à altura de seu tempo e em respeito tanto à teoria quanto à novidade histórica.

E como se atua?

Nosso projeto atua junto à Clínica Psicológica da UEL enquanto local da nossa prática e instituição que gerencia nossas inscrições e material para o atendimento. Todos os nossos atendimentos são gratuitos e realizados por colaboradores, no geral alunos de graduação e pós-graduação da UEL, assim como demais colaboradores externos. Traçando uma linha temporal de como funcionam os atendimentos têm-se que:

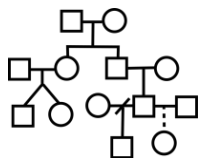
1- Costuma-se uma vez por ano letivo abrir um período de alguns dias de inscrições abertas, e

colhe-se número adequado de casos para o trabalho anual do projeto, ao que os encaminhamentos de serviços públicos são manejados ao longo do ano;

- 2- Nossas inscrições e encaminhamentos são realizados via secretaria da Clínica e suas redes sociais;
- 3- Os dados dos usuários são processadas em uma tabela, gerenciada pela coordenadora do projeto e seus bolsistas;
- 4- Profissionais ou discentes que tenham completado o terceiro ano da graduação de Psicologia, tenham participado de um dos cursos introdutórios do Projeto e se apropriado da leitura, com participação nas supervisões semanais, podem escolher um caso para iniciar atendimento;
- 5- Realiza-se uma triagem estendida que faz uso de recursos artístico-expressivos;
- 6- Firma-se o enquadre e se iniciam os atendimentos semanais;
- 7- Após cada uma das sessões, deve-se escrever um relato e participar da supervisão semanal;
- 8- Ao final da psicoterapia, deve-se escrever o documento de encerramento do caso de acordo com as normas da Clínica.

Entraremos em maiores detalhes quanto a essas etapas na última parte desta obra, mas antes

abordaremos o que mais nos difere de outros projetos:



Parte 3 - Atividades artístico-expressivas

O que arte tem a ver com psicanálise?

A história da psicanálise é marcada por um interesse pela arte, como forma de criação e simbolização, ao que Freud constroi trabalhos como “Uma recordação de infância de Leonardo da Vinci” (1910), tecendo um campo de interseção entre o fazer artístico e a arte do clinicar. Também, como expõe Dominicis (2019), Freud faz uso da arte dentro do *setting* quando sugere que Dora se aproximasse de sua coleção de estatuetas e pergunta se algum objeto de lá a ajudaria a lembrar de seu sonho. Ela acaba por escolher uma caixa de fósforos, que a ajudou a acessar conteúdo reprimido. Segundo a mesma autora, há na clínica com crianças de linha inglesa a ideia de que esta é uma modalidade de atendimento em que o lúdico e o ato de brincar configuram vias de acesso e comunicação inconsciente.

Chamamos essas atividades de comunicação não-verbal de material pré/inconsciente de técnicas mediadoras, e nelas apostamos na possibilidade de

construção de um maior esclarecimento do determinismo inconsciente nos papéis desempenhados por nossos pacientes em seus vínculos, pensando em nossa atuação. Busca-se produzir uma circulação dos afetos, enriquecimento de fantasias, descongelamento de papéis determinados, esclarecimento de mitos e um reescrever simbólico da história de nossos pacientes e seus vínculos (Dominicis, 2019).

Para além disso, acreditamos que com essas atividades - em nosso projeto encaradas como recursos artístico-expressivos - há também uma maior facilidade para o terapeuta iniciante de manejar as sessões e estabelecer um vínculo terapêutico, por constituírem uma atividade previamente estruturada e rica de informações, que serve de material a ser retomado e interpretado ao longo das sessões. Por isso, desenvolvemos ao longo dos anos um método de triagem estendida, que pode também ser encarado como uma avaliação de Casal e Família, que consiste, para além da entrevista inicial de triagem, das seguintes atividades:

Linha da Vida

Proposta escassamente apresentada na literatura de psicanálise de casal e família, com origem em atividades e temas de artepsicoterapia, e desenvolvida há anos no projeto. Pede-se para que o paciente marque em uma linha eventos importantes em sua vida, sejam eles positivos ou negativos, apresentando, então, a linha delineada aos demais. Busca-se que todos possam entrar em contato com os marcos da vida dos indivíduos, podendo-se observar se e como o vínculo entre eles é representado. Propõe-se um processo de parar e refletir sobre o que lembramos e como representamos nossa história.

Deixa-se livre a opção por delinear uma linha conjunta ou linhas separadas. Observa-se que há situações nas quais casais produzem duas linhas separadas e famílias optam por delinear uma única linha que representa a história deste grupo. Os materiais utilizados são folha A3/A4 (linha individual) ou cartolina (linha do grupo), assim como lápis grafite, lápis de cor, giz de cera, caneta, pincel e tinta. Deixa-se livre como os pacientes desejam criar sua linha, mas pede-se uma identificação e uma data para os marcos da linha. Em decorrência do necessário sigilo, não ilustraremos clinicamente estes recursos, convidando os interessados a participar de uma supervisão ou de nossos cursos

introdutórios a fim de conhecerem de perto o uso dessas atividades.

Genograma

Proposta bem sedimentada na literatura e que encontra sua origem na abordagem sistêmica, é discutida por exemplo em Franco e Sei (2015), Dominicis (2019) e Dias (2021a), mas encontram-se divergências em sua aplicação, especificamente nas instruções quanto a detalhes em sua grafia, então será apresentada a instrução acerca de como a costumamos utilizá-lo no Projeto. Pede-se para que o paciente represente graficamente e nomeie no mínimo três gerações de sua família (a partir do indivíduo) numa espécie de heredograma ou árvore genealógica, em que se instrui - geralmente por meio de desenho em lousa ou papel separado - a representação habitual de homem (\square) e mulher (\circ), da ligação de casamento ($—$), filiação ($|$) e fraternidade (\lrcorner), mas não se instrui como costuma-se representar a ocorrência de divórcios, adoções, falecimentos ou qualquer outro aspecto significativo ao vínculo (Franco & Sei, 2015). Objetiva-se entrar em contato com histórias e conteúdos inter e transgeracionais, assim como observar a via pela qual os indivíduos projetam o

corpo familiar, respeitando os laços de aliança e consanguíneos que o formam (Dominicis, 2019).

Como na Linha da Vida, deixa-se livre a opção por delinear um genograma conjunto, ou genogramas separados “que se juntam”. Os materiais utilizados são folha A3/A4 (genograma separado) ou cartolina (genograma conjunto), assim como lápis grafite, lápis de cor, giz de cera, caneta, pincel e tinta. Deixa-se livre como os pacientes desejam criar seu genograma, mas pede-se o nome e idade de todos os membros da família representados, assim como pode-se pedir caracterizações adicionais que façam sentido para a compreensão do vínculo, como a presença de drogadições, prisões, adoecimentos, abortos, entre outros. Não há problemas caso os participantes da psicoterapia não tenham conhecimento de tais informações, com esse fato se constituindo um dado a ser considerado ao se analisar a família.

Espaçograma

Proposta indicada para o atendimento de casais e famílias por Pierre Benghozi (2012) e, igualmente, discutida por Dominicis (2019), Sanches (2020) e Dias (2021b). Novamente abordaremos a atividade como desenvolvida no Projeto, na qual

pede-se o desenho da planta da casa, da sua “vista de cima”, de forma que em se possa visualizar os limites dos cômodos e espaços, suas entradas e janelas, seus móveis e decorações. Busca-se suscitar discussões sobre o espaço compartilhado pelo grupo familiar, a ocupação e circulação (ou não) entre os espaços, ao que a casa corresponde ao corpo da família, sendo lugar e espaço de sua habitação (Dominicis, 2019).

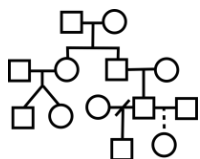
Tal atividade é pertinente em casos de coabitação do casal ou família, entretanto, em atendimentos em que isso não ocorra, pode-se pensar em alternativas como o desenho das casas das famílias de origem, de uma casa de uma época em que houve coabitação do grupo, o desenho da casa “dos sonhos”, ou mesmo a opção pela não aplicação da atividade. Os materiais utilizados são folha A3 ou cartolina, assim como lápis grafite, lápis de cor, giz de cera, caneta, pincel e tinta. Pede-se que os cômodos e móveis sejam nomeados, e seu uso discutido conforme relevância para o caso.

Outros recursos artísticos-expressivos

As três atividades descritas fazem parte do que temos por base de nossa triagem estendida, mas

existem diversas outras propostas descritas na literatura psicanalítica que podem também ser utilizadas ao longo do atendimento, sejam elas tal como descritas na literatura ou como inspiração. Cita-se, de nota, o Arte-Diagnóstico Familiar (Machado et al., 2008), Desenhos-Estórias e Procedimento de Desenhos de Família com Estórias (Trinca, 2020), Desenho livre (Dominicis, 2019), e o uso de histórias, como na clínica com crianças (Sei, 2011).

Entende-se que, especialmente no cenário da clínica com famílias, uma das complexidades presentes para o terapeuta é o manejo de indivíduos de diferentes idades e personalidades, o que exige do terapeuta a habilidade de dialogar com diferentes formas de comunicação. Como Projeto apostamos que o uso de técnicas mediadoras tende a facilitar esse processo, ao promover a participação coletiva na produção de uma obra que diz respeito ao aparelho psíquico do grupo como um todo, descentralizando também o foco no paciente identificado da queixa (Sei, 2017). Conclui-se que a simples presença e oferta de materiais gráficos na sessão, mesmo que não se planeje de antemão o uso de um recurso artístico específico, pode ser bem-vindo, e uma ferramenta à disposição do terapeuta de casal e família.



Parte 4 - O dia a dia do projeto, especificidades e recomendações para o atendimento

Como eu inicio um atendimento?

Podem atuar como terapeuta profissionais ou discentes que tenham completado o terceiro ano da graduação de Psicologia, tenham participado de um dos cursos introdutórios do Projeto e se apropriado da leitura, com participação nas supervisões semanais. Se você cumpre esses pré-requisitos basta entrar em contato com a coordenação do Projeto, preferencialmente com um de seus bolsistas, e solicitar que lhe passem um caso registrado na tabela de dados, que é de uso exclusivo da coordenação. Nela estão contidos o nome, telefone, resumo da queixa e disponibilidade de horários para atendimento de todos os inscritos. Ao entrar em contato orienta-se o uso de linguagem formal e direta, seja por *WhatsApp*, telefone ou email. Caso não seja possível entrar em contato dentro de 48 horas, informa-se ao inscrito que a não resposta implica a retirada da lista de espera. Após a confirmação do desejo pelo atendimento, cria-se um

grupo no WhatsApp com todos os participantes e agenda-se um horário de acordo com a disponibilidade das salas de adulto ou preferencialmente a sala de grupo, a conferir na planilha da Clínica ou com a secretaria desta. Indica-se que a falta na entrevista inicial, sem justificativa prévia, implica na perda da vaga na psicoterapia de casal e família.

E o que eu faço no dia da entrevista inicial?

De princípio, tem-se de estar consciente de que, por todos os motivos supracitados, um atendimento com mais de um sujeito é por natureza mais desafiador e complexo que um atendimento individual. A modalidade implica na necessidade de atenção para se ouvir o que há de conteúdo latente e inconsciente no vínculo, às múltiplas transferências projetadas em seus participantes e na sua figura de analista, na intenção de conseguir criar um ambiente de *holding*, em que todos podem falar de seu sofrimento sem retaliação e no seu tempo, ambiente onde a palavra pode circular livremente e a novidade pode vir a ser. E isso exige conhecimento técnico, mas principalmente prática clínica. O que significa que inicialmente, como em qualquer início, ocorrerão erros técnicos e eles serão acolhidos sem

juízo na supervisão, porque, e especialmente em ambiente de aprendizagem e formação como a UEL, “é errando que se aprende e se acerta”, e também, como assinala Winnicott (1963/1990), há função na falha do analista ao longo do próprio processo clínico. Espera-se que essas dificuldades possam ser tratadas como desafios a serem vivenciados e superados, ao que acreditamos que a prática da Clínica Psicanalítica de Casal e Família é um experimento único que só tem a somar na formação do futuro analista.

Mas, voltando a elementos de uma ordem prática, no dia da entrevista leva-se o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) da Clínica que está disponível na secretaria, o TCLE do projeto de pesquisa coordenado pela Prof.^a Dr.^a Maíra Bonafé Sei, cujo título é atualizado periodicamente, a ficha de triagem específica do Projeto que também está disponível na secretaria e em nosso *Google Drive*. Tais documentos devem ser preenchidos na íntegra e assinados por pelo menos um membro adulto do atendimento, mas preferencialmente por todos. Leva-se, adicionalmente, prancheta para registro das informações contidas na ficha de triagem, canetas e uma caixinha de lenço. Pode-se levar folhas em branco e lápis de cor como alternativas à comunicação estritamente verbal.

Todos esses materiais estão disponíveis para solicitação na secretaria da Clínica, e também presentes nos armários da Sala de Grupo. Por fim, e o mais importante, leva-se um aparelho psíquico presente e disponível para acolher o sofrimento da família.

Como discutido por Magdalena Ramos (2006; 2021), busca-se nesse momento inicial coletar dados gerais sobre o panorama da família, histórias individuais relacionadas às famílias de origem, história do vínculo de casal ou de família, e sobre o cotidiano desse vínculo. Questiona-se suas expectativas quanto ao atendimento, e se trabalha na criação de uma demanda familiar ou conjugal conjunta para envolvimento no processo terapêutico. Explica e oferta-se o enquadre do atendimento: seu local, horário, pagamento simbólico, tempo do atendimento, períodos de férias do analisando, e limite de faltas. E após os esclarecimentos, se assinam os termos de consentimento do atendimento.

Registrando os acontecimentos da sessão

Na literatura psicanalítica existem diversas formas de se encarar a escrita do chamado “relato de sessão”, obrigatória em nosso Projeto, e aqui falaremos de uma possibilidade bioniana como descrita por Barison (2017), que usa da teoria literária de base para se pensar a escrita teórica psicanalítica. Em suma, todo relato é feito a posteriori, e está sujeito às distorções da memória e do campo afetivo da hora em que é escrito, mas em supervisão assumimos coletivamente que aquela escrita corresponde à realidade do que aconteceu na sessão. Pede-se por uma escrita que vá além da descrição de fatos, mas que inclua a experiência emocional do autor, saindo do campo do registro histórico e se tornando criação transformadora. Encara-se a escrita como uma tentativa de dar forma literária ao místico da sessão analítica, de forma que os demais em supervisão possam experimentar os acontecimentos da sessão por meio de sua própria capacidade de análise, o que passa por transmitir os acontecimentos de forma verossímil, ou seja, como algo que realmente pode acontecer, mas também uma escrita dotada da estranheza dos processos inconscientes.

Pode parecer tarefa impossível, e é certamente difícil, mas pensando no terapeuta iniciante deixaremos algumas recomendações, a

serem levadas em conta, mas não exatamente copiadas, ao que acreditamos que cada analista/autor têm uma forma única de escrita que deve lhe fazer sentido. Estas recomendações de forma são:

- Registro em ordem cronológica, iniciando a partir de qualquer forma de comunicação antes da sessão, e verdadeiro à sua memória;
- Registro de seu estado emocional quando chega à sessão;
- Registro, quando possível e de nota, das frases “como ditas”, ao invés de uma descrição de que “falou-se deste assunto”;
- Registro de pausas, interrupções, silêncios, gaguejos, qualquer “quebra” no movimento associativo;
- Registro emocional associado às falas, tanto internos seus quanto do “clima” da sessão;
- Registro de seus pensamentos e associações feitas durante a atenção flutuante, e também durante a escrita do relato;
- Registro do “seu entendimento” dos acontecimentos, das suas interpretações, de como você pensa a sessão e o caso.

Escrever “tudo isso” demanda tempo, e escrita ativa e presente que reflete a postura de presença na sessão. Em suma, “dá trabalho”, mas é exercício para seu desenvolvimento e formação, para que a supervisão possa ser melhor aproveitada por todos. Não é obrigatório que seu relato contenha todas essas informações, e sabe-se que é muito diferente escrever um relato por semana e escrever dez, com prova no outro dia e trabalho em grupo para a semana seguinte. Diferentemente de um estágio, sua participação no Projeto não é avaliada, e estas são recomendações, não exigências.

O dia da supervisão...

Atuamos com um dia fixo de supervisão, segunda de manhã, e é pré-requisito para participar no Projeto ter essa disponibilidade de horário. Contudo, é possível agendar outros horários de supervisão, vide possibilidades da coordenadora do Projeto. Todas as comunicações sobre os horários de supervisão são realizadas em nosso grupo de *WhatsApp*, ao que decidimos coletivamente se a supervisão será realizada presencialmente na UEL ou on-line via *Google Meet*.

Participar da supervisão é obrigatório para todos os terapeutas, e a frequência nestas é critério

para iniciar um atendimento e ser inscrito no espelho do Projeto, que é o registro oficial deste frente a Pró-Reitoria de Extensão (Proex) da UEL, disponível no site de consulta à projetos da universidade.

Recomenda-se que a participação na supervisão passe pelo mesmo crivo que o atendimento e a escrita, pede-se por uma presença de fato, por participação ativa.

Como discute, por exemplo, H. M. M. Dias (2021), a supervisão faz parte do tripé de formação analítica desde o princípio da nossa prática, junto da análise pessoal e teoria psicanalítica. É prática clínica que também deve ser regida pela atenção flutuante, ou seja, diz da transmissão de um conteúdo que deve passar pela contribuição da capacidade individual e do grupo de analisar e construir algo novo a partir do relato. Objetiva-se que a supervisão seja espaço propício para trocas, para a circulação da palavra, mas para que isso ocorra há de haver interessados em trocar, construir e aprender.

Articulando extensão e pesquisa, um convite.

Para finalizar essa obra, sinalizamos que ela é só mais uma produção acadêmica advinda desse

Projeto que existe desde 2012, que acolheu centenas de colaboradores, e dezenas de bolsistas que juntos produziram múltiplas publicações. Todo ano desenvolvem-se iniciações científicas, resumos expandidos, apresentações em eventos, são organizados cursos e eventos, e você leitor pode participar disso tudo. Desde o princípio atuamos sem processo seletivo, com inserção ocorrendo por meio de manifestação de interesse junto à coordenação do Projeto, e a produção de trabalhos passa majoritariamente pelo interesse dos colaboradores. Se você é profissional ou aluno de Psicologia, possui segunda de manhã livre, e nossa atuação lhe interessou, entre em contato com a coordenação do Projeto ou seus bolsistas.

Referências

- Barison, O. L. (2017). A escuta da escrita da escuta: Emoções através do relato clínico. *Jornal de Psicanálise*, 50(93), 225-234.
- Benghozi, P. (2012). *Malhagem, filiação e afiliação: Psicanálise dos vínculos casal, família, grupo, instituição e campo social*. (E. D. Gallery, tradutora). Vetor. (Obra original publicada em 2010)
- Dias, H. M. M. (2021). Reflexões sobre o lugar da supervisão na psicanálise. *Estudos de Psicanálise*, 56, 85-91.
- Dias, M. L. (2021a). Familiograma/genograma. In R. Blay-Levisky, M. L. Dias, & D. Levisky (orgs), *Dicionário de psicanálise de casal e família* (pp. 208-210). Blucher.
- Dias, M. L. (2021b). Espaçoograma. In R. Blay-Levisky, M. L. Dias, & D. Levisky (orgs), *Dicionário de psicanálise de casal e família* (pp. 187-189). Blucher.
- Dominicis, G. V. M. (2019). Técnicas mediadoras em psicoterapia de casal e família. In R. Kerbauy, M. B. Bartilotti & G. V. M. Dominicis (orgs), *Laços possíveis* (pp. 243-254). Aller.

- Gomes, I. C. (2022). As mudanças psicossociais na família e seu impacto na clínica de casal e família. In R. Pennacchi & S. Thorstensen (orgs), *Psicanálise de casal e família* (pp. 25-42). Blucher.
- Ezinatto, L. M. S. (2021). Sintomas familiares. In R. Blay-Levisky, M. L. Dias, & D. Levisky (orgs), *Dicionário de psicanálise de casal e família* (pp. 501-505). Blucher.
- Franco, R. S., & Sei, M. B. (2015). O uso do genograma na psicoterapia psicanalítica familiar. *Gerai s : Revista Interinstitucional de Psicologia*, 8(2), 399-414.
- Freud, S. (1970). Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 11, pp. 55-124). Imago. (Trabalho original publicado em 1910)
- Machado, R. N., Féres-Carneiro, T., & Magalhães, A. S. (2008). Demanda clínica em psicoterapia de família: Arte-Diagnóstico Familiar como instrumento facilitador. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 18, 555-566. <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2008000300011>

- Paiva, M. L. S. C. (2021). Escolas em psicanálise de casal e família. In R. Blay-Levisky, M. L. Dias, & D. Levisky (orgs), *Dicionário de psicanálise de casal e família* (pp. 152-161). Blucher.
- Ramos, M. (2006). *Introdução à terapia familiar*. Claridade.
- Ramos, M. (2021). Reflexões sobre o início do atendimento a casais e famílias. In R. Pennacchi & S. Thorstensen (orgs), *Psicanálise de casal e família* (pp. 43-66). Blucher.
- Sanches, M. G. M. (2020). *O uso do espaço-tempo como recurso facilitador em terapia familiar psicanalítica: estudo de casos múltiplos*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Londrina]. RIUEL. <https://repositorio.uel.br/items/7d5632c8-84c2-4928-97ca-b453bf571a29/full>
- Sei, M. B. (2011). *Arteterapia e psicanálise*. Zagodoni.
- Sei, M. B. (2017). O atendimento a casal e família em um serviço-escola de Psicologia. In M. B. Sei, & I. C. Gomes (Orgs.), *Formação, pesquisa e a clínica psicanalítica de casais e famílias* (pp. 35-53). Universidade Estadual de Londrina.

Sei, M. B. (2021). Paciente identificado/porta-voz/porta-sintoma. In R. Blay-Levisky, M. L. Dias, & D. Levisky (orgs), *Dicionário de psicanálise de casal e família* (pp. 377-379). Blucher.

Silva, W. P. da. (2020). Extensão Universitária: Um conceito em Construção. *Revista Extensão & Sociedade*, 11(2), Artigo 2. <https://doi.org/10.21680/2178-6054.2020v11n2ID22491>

Trachtenberg et al. (2005), *Transgeracionalidade - de Escravo a Herdeiro: um Destino Entre Gerações*. Blucher.

Trinca, W. (Org). (2020) *Formas lúdicas de investigação em psicologia: Procedimento de Desenhos-Estórias e Procedimento de Desenhos de Família com Estórias*. Vetor.

Winnicott, D. W. (1990). Dependência no cuidado do lactente, no cuidado da criança e na situação psicanalítica. In: *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas. (Obra original publicada em 1963)

Sobre o autor

Henry Derwood Mills

Psicólogo (CRP 08/42684) e psicanalista. Graduado pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Atua nos projetos de extensão de Clínica Psicanalítica de Casal e Família na UEL desde 2022. Foi bolsista CNPq em projeto de pesquisa vinculado ao projeto de extensão. Atua como psicólogo clínico em consultório particular. E-mail: henrymills@outlook.com



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA